

A CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA: SEXISMO E RACISMO NOS ESTILOS MUSICAIS

THE CONSTITUTION OF FEMALE SEXUALITY: SEXISM AND RACISM IN MUSICAL STYLES

Anayane Cristhili de Almeida Sales

Jessica Emanuele Botelho Moreira

Karolaine Da Silva Luiz

Rafaela Cristina De Aquino Souza Neves Gil

Acadêmicas do curso de Psicologia do UNIVAG

Renata Vilela Rodrigues

Profa. Ms. orientadora do curso de Psicologia do UNIVAG.

Resumo

O presente ensaio teórico aborda a forma como se dá a construção histórica e política da sexualidade da mulher no contemporâneo. Tem como objetivo analisar como os dispositivos sociais, culturais, políticos, religiosos e científicos incidem na constituição da sexualidade feminina, instaurando em nós determinadas maneiras de concebermos nossos corpos e prazeres. A partir dos aportes foucaultianos sobre dispositivo da sexualidade e dos feminismos, problematizamos o sexismo e o racismo presente nas músicas: Se eu largar o freio, do gênero musical pagode/samba; ciumento eu, sertanejo; Mulheres Virtuosas, gospel; Por causa de você, pop; Samba da Benção, música popular brasileira e; Brown Sugar (Açúcar Mascavo), rock and roll. Percebemos que a musicalidade produz formas heteronormativas e sexistas sobre a sexualidade feminina que influenciam, na medida em que convivemos com esse dispositivo em nossa cotidianidade, no modo como lidamos com nossa sexualidade. Diante disso, apresentamos pistas para a constituição de feminismos que convivam na/pela diferença como alternativa para a diminuição do adoecimento psíquico gerado por práticas violentas e opressoras da sociedade patriarcal e na melhora da qualidade de vida.

Palavras-chave: Patriarcado; Sexualidade da mulher; Feminismo; Relação de poder.

Abstract

This theoretical essay addresses the way in which the historical and political construction of women's sexuality takes place in the contemporary world. Its objective is to analyze how social, cultural, political, religious and scientific devices affect the constitution of female sexuality, establishing in us certain ways of conceiving our bodies and pleasures. Based on Foucauldian contributions on the device of sexuality and feminism, we problematize the sexism and racism present in the songs: Se eu Larr o Bravo, from the musical genre pagode/samba; jealous me, countryman; Virtuous Women, gospel; Because of you, pop; Samba da Benção, Brazilian popular music and; Brown Sugar, rock and roll. We realize that musicality produces heteronormative and sexist forms of female sexuality that influence, as

we live with this device in our daily lives, the way we deal with our sexuality. In view of this, we present clues for the constitution of feminisms that live in/through difference as an alternative to reduce the psychic illness generated by violent and oppressive practices of patriarchal society and to improve the quality of life.

Keywords: Patriarchy; Women's sexuality; Feminism; Power relationship.

Introdução

Elas, vocês, nós, estamos aqui não porque ocupamos lugares “exclusivos” de opressão ou privilégio; estamos aqui porque estamos comprometidos em combater aquilo que produz estes lugares diferenciados em que nos encontramos; estamos aqui porque estamos dispostas/os a perder, em muitos casos, os lugares de privilégio que sustentam nossa própria enunciação (ESPINOSA MIÑOSO, 2016, p. 165 – tradução nossa).

"Ser mulher no Brasil equivale a viver num estado de guerra civil permanente", afirma Lourdes Bandeira, professora de sociologia da Universidade de Brasília e ex-secretária executiva da Secretaria de Políticas para Mulheres, ao discorrer sobre a deficiência das políticas públicas para proteção das mulheres, no Brasil (CARASCO; CORTÊZ, 2018). Pesquisas demonstram que essa frase de fato se faz real. No ano de 2021, a pesquisa "*Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher — 2021*", realizada pelo Instituto DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência, revelou um crescimento de 4% na percepção das mulheres sobre a violência em relação à edição anterior, 2020. Segundo a pesquisa, 68% das brasileiras conhecem uma ou mais mulheres vítimas de violência doméstica ou familiar, enquanto 27% declaram já ter sofrido algum tipo de agressão por um homem.

Em uma pesquisa realizada mais recentemente pelo Fórum brasileiro de segurança pública de 2021, verificou que durante a pandemia, alguns números de registros de crimes contra meninas e mulheres visibilizam o quadro de violência vivenciado. Entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia de covid-19 no país, e dezembro de 2021, último mês com dados disponíveis, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino.

Não é preciso mais que dez ou quinze minutos de conversa, em uma roda formada única e exclusivamente por mulheres, para escutar como a cobrança com a aparência, a desigualdade salarial, o acúmulo de funções, a violência faz parte do cotidiano do sexo feminino. Pensar a sexualidade feminina, a sua construção, suas definições, somente para o campo puramente sexual, é limitar a mulher como se fosse um animal que somente busca essa

finalidade. Não, não é isso. A construção dessa sexualidade e as consequências vão além da cama. E é isso que se pretende mostrar com esse estudo. A forma como os “moldes” impostos pela sociedade, o pacto do silêncio patriarcal, acabou influenciando as mulheres a se colocarem e serem postas, também, em segundo plano de uma forma geral.

Ao falarmos de sexualidade, torna-se importante compreendê-la como uma necessidade humana, logo, trata-se de um aspecto que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Pensar a sexualidade vai muito além de compreendê-la como sinônimo de coito, limitando-se a presença ou não do orgasmo. O conceito de sexualidade é amplo, histórico e social, refletindo nossas ações e interações, impactando tanto a saúde física, quanto a saúde mental. Sexualidade é o contato e a intimidade que se expressa na forma de sentir, é a energia que motiva a encontrar o amor (GRIBEL, 2008).

Houve naturalização de categorias culturais referente ao sexo feminino, categorias essa culturais e não naturais, onde, a mulher sofre com a desvalorização de seu próprio sexo diante da sociedade, e como tais mudanças poderão contribuir para a desconstrução dessa. Desde a colonização das Américas, a categorização dos povos e suas distinções favoreceram a favor da espécie do homem/macho. Apresentando este, ser um modelo para a sociedade, capaz de decidir, ser autônomo, ser político, cristão, capaz da socialização, um heterossexual, qualificado na razão e mente. Já a mulher, em sua categorização, é vista como um ser de mero objeto, alguém capaz de reprodução e capital, qualificada em seus serviços do lar para o homem, em sua representatividade de ser passiva e de uma pureza sexual. Visto que, a sexualidade feminina era marcada como algo maligno, as mulheres colonizadas eram vistas como uma representação relacionada a Satanás e possuídas pelo mesmo (LUGONES, 2014).

Piscitelli (2002), recriando a categoria da mulher, retrata a ideia de ter raízes do feminismo assim, é algo radical, que vai além de fatores como raça e classe, as mulheres só pela questão de ser mulher já são oprimidas, categorizadas pela sua feminilidade, vista como um ser de reprodução e sexualizador. Diante disso, através da revisão de literatura especializada, iremos trazer à luz deste trabalho as seguintes problemáticas de pesquisa: Quais dispositivos incidem na constituição da sexualidade feminina no contemporâneo? Como isso impacta no modo como a mulher se relaciona com o seu corpo e sua sexualidade? Quais debates os feminismos, em especial os feminismos multiculturais, têm levantado sobre este assunto?

Nessa perspectiva, este trabalho objetiva problematizar como os dispositivos sociais, culturais, políticos, religiosos e científicos incidem na constituição da sexualidade feminina, no contemporâneo. Mais especificamente, pretendemos analisar quais as consequências

decorrentes da formação da sexualidade da mulher em uma sociedade patriarcal, e na vida psicossocial destas; compreender a luta pelos direitos das mulheres e diversidade sexual no Brasil e qual a influência dos movimentos sociais diante deles e; descrever quais dispositivos que levam a sociedade a se consolidar como patriarcal e como estes incidem nos discursos sobre a sexualidade feminina, numa lógica de submissão à sexualidade masculina.

Metodologicamente, este ensaio crítico adotou a pesquisa qualitativa, que segundo Neves (2007) serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos e não enumerar ou medir eventos. Não é somente algo que já está definido e visível, mas é ir além no seu significado próprio das suas práticas e das relações humanas. Neste sentido, realizamos uma pesquisa explicativa, que de acordo com Gil (2002, p.3) “essas pesquisas possuem a preocupação central de identificação dos fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos”.

No processo metodológico nos debruçamos sobre a literatura científica acerca da sexualidade feminina, dando ênfase aos estudos feministas das autoras como Maria Lugones, Nancy Fraser, Glória Alzandúa, Sueli Carneiro, Leila Gonzales. Para Bento (2012), a imersão na literatura é essencial para o processo de qualquer investigação, pois nela inclui analisar, sintetizar, localizar e entender a investigação prévia, que são os livros, revistas científicas, resumos, entre outros, que são referentes ao campo de estudo. Com base em Bento (2012), essa imersão é necessária não apenas para estabelecer bem o problema, mas, além disso, para adquirir uma ideia que seja clara a respeito do estado real dos conhecimentos em determinado tema, e a sua contribuição de análise para a evolução do conhecimento.

A partir da analítica dos estudos feministas, debateremos criticamente sobre o conteúdo apresentado em algumas canções consideravelmente populares em nossa cultura. Sendo estas: “Se eu largar o freio” interpretada por Péricles, “Ciumento eu” de Henrique e Diego, “Samba de Benção” de Vinicius de Moraes, “Por causa de você” Kelly Key, “Mulheres Virtuosas” Diante do Trono e “Brown Sugar” da banda Rolling Stones. Buscamos, através da análise do discurso de algumas canções de diferentes gêneros musicais, compreender e, conseqüentemente, proporcionar reflexões e possíveis questionamentos, acerca de como são representadas as mulheres e quais as perspectivas de seus papéis sociais, evidenciadas culturalmente, a partir das letras das canções mencionadas neste trabalho.

Massulini (2019), destaca que a música se torna uma forma de entretenimento e lazer presente na vida da maioria dos brasileiros, de diferentes faixas etárias e classes sociais. Ou seja, televisão, rádios, computadores e celulares, bem como os inúmeros aplicativos, sites e plataformas digitais, diariamente nos possibilitam acessar de qualquer lugar, a qualquer

momento, uma infinidade de conteúdos musicais, interpretados e eternizados por inúmeros artistas nacionais e internacionais. Logo, torna-se interessante e de extrema importância a utilização desse método como forma de dar início a determinadas discussões sociais e analisarmos as concepções discursivas da mulher em nosso país, entendendo a música como um dos dispositivos que incide na constituição da sexualidade feminina.

O dispositivo da Sexualidade

Para Michel Foucault, a sexualidade é compreendida como um dispositivo constituído histórica, social e cientificamente, com base em múltiplos discursos sobre o sexo, ou seja, um dispositivo histórico (SANTOS, 2014). Discursos estes responsáveis por regular, normatizar e instaurar saberes que produzem "verdades" enquanto sujeitos que possuem determinada sexualidade. Compreendendo que o dispositivo seja a rede que se estabelece entre diferentes elementos, onde sua definição sugere a direção e abrangência de nosso olhar: um conjunto de diferenciados elementos que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, onde "o dito e o não dito" tornam-se elementos desse dispositivo (SANTOS, 2014).

Um dispositivo pode ser definido como um conjunto heterogêneo, do dito e do não dito, ou seja, que abrange discursos, debates, medidas regulamentares, leis, instituições, criações, decisões administrativas, enunciados, questões morais, filosóficas, entre outros. O dispositivo é a relação que se constitui através destes elementos, compreendendo o seu papel estratégico como concreto e a sua relação de poder, que está inserida a todo momento (AGOSTINHO, 2017). Um dispositivo não é unicamente um método concreto que insere em uma relação de poder. “Dispositivos são máquinas que fazem ver e falar. Tornam visível a prisão criando prisioneiros, e com enunciados, a lei penal, por exemplo, organiza as regras ou do ir e vir” (AGOSTINHO, 2017, p.16). Os dispositivos se comparam com os diagramas formados por linhas de força, que se traçam, se aproximam, se desligam, estabelecem a conexão e a separação por meio do falar e ver, essa linha de força constitui o poder e o saber (AGOSTINHO, 2017).

Segundo Foucault (2008), o discurso é composto de enunciados, uma vez que se sustentam em uma mesma formação discursiva, “ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar na história é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um

conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2008, p.133). Fischer (2001) mostra que o discurso suspende continuidades, compreendendo cada situação do discurso e procedendo no jogo de ligações em que ali está concentrado, é capaz de abordar os elementos de enunciados efetivos, em sua individualidade de circunstâncias raras, dispersivos e dispersos, indagando tal singularidade, por que ocorre em um contexto e em algumas condições.

A partir do conceito de dispositivo em Foucault, problematizamos, neste trabalho, o dispositivo da sexualidade enquanto uma tecnologia que incide sobre os corpos e sexualidade feminina e performa relações poder/saber, não de repressão. Em outras palavras, o dispositivo da sexualidade estabelece relações de gestão e de controle na modulação dos corpos, subjetividades e sociedades. As relações de poder apresentam-se sempre mais profundas aos modos de existência já que podem gerar meios de experimentação e experiência da sexualidade de modo ilegítimas, não para eliminá-las completamente e sim, para a verificação existentes nas próprias relações de poder (CASSAL; GARCIA; BICALHO, 2011).

Ao falarmos sobre o dispositivo da sexualidade, vale ressaltar o que Cassal, Garcia e Bicalho (2011) compreendem a sexualidade considerando como algo que não é dado, imutável e natural, porém, uma formação social e histórica acerca das maneiras de perceber, sentir e conhecer o corpo, as relações e os interesses. A partir do conceito de sexualidade foucaultiano, os autores argumentam que, devido às várias transformações nos sistemas de formação e produção de forças, por meio da dispersão dos regimes de verdades e as interpretações sobre o indivíduo, “a sexualidade torna-se um dispositivo de controle – de corpos, de modos de existência e de populações” (CASSAL; GARCIA; BICALHO, 2011, p. 466).

Desde a antiguidade, todos os meios representativos dirigiam-se para a construção da sexualidade a favor dos homens, ou seja, uma construção forte, sem opressão, o homem era visto como provedor do lar, aquele que poderia satisfazer os seus desejos e anseios, era considerado um modelo para a sociedade, aquele que manda e se satisfaz. A mulher por sua vez, o que apresentava de mal, no corpo da mulher, precisava de adestramento. A mulher precisaria sublimar os seus desejos, submetendo a função materna, do lar, como uma mulher companheira se submetendo ao homem (FRANÇA; BAPTISTA, 2007).

Apesar que, na atualidade, as sociedades ocidentais manifestam de certa maneira uma tolerância com os assuntos relacionados acerca da sexualidade, os elementos representativos continuam firmes e alinhados em direção na premissa do poder masculino, de acordo com a natureza, sendo um objeto que sustenta a posição social, características da sociedade patriarcal (FRANÇA; BAPTISTA, 2007).

Definindo sociedade patriarcal, Rodrigues, Reis e Quadrado (2018), trazem o significado que é uma formação de condutas sociais, da qual indica que a posição do homem é mais elevada do que da mulher, assim, fazendo com que a identidade, as particularidades femininas se oprimem, causando aflições em diferentes contextos, bem como no convívio familiar, seu meio social e o profissional. Visto que, mesmo na sociedade atual, se encontra consolidado esse padrão ideal, representante de uma mulher perfeita, que é resultado do legado do patriarcado.

Falar sobre gênero e sexualidade da mulher, a forma como a mulher se vê ou é vista ao longo dos últimos séculos, de “bruxa” a “rainha do lar”, como disse França (2007), acaba por esbarrar na forma como o comportamento masculino vai se apresentar. A visão da mulher como acessório, que complementa a vida do homem, sempre pronta a servir, feita para o casamento e maternidade e jamais para as coisas intelectuais, se estendeu do século XIX até o século XX.

Fontenele (2006), afirma que depois do século XIX com o processo de industrialização, a mulher foi reconhecida no mercado de trabalho, principalmente como uma empregada assalariada. Consequentemente, os afazeres domésticos foram divididos, seja com o pai ou com instituições como: creches, escolas e outros, promovendo a participação do pai na educação dos filhos e também na organização da casa. Importante frisar que, como bem aponta Lorde (2019), esse processo não foi vivenciado de maneira igual pelas mulheres negras, que já estavam inseridas no mercado de trabalho, mas eram consideradas como objetos de trabalho e sexuais do homem branco.

Com a invenção da pílula anticoncepcional concomitantemente, a revolução sexual, décadas de 1960 e 1970, as mudanças começaram a ser significativas. Carvalho (1995) complementa que, no Brasil, especificamente a partir dessas décadas, essas mudanças afetaram a vida doméstica, que redundaram em mudanças na dinâmica familiar e no relacionamento homem e mulher.

A constituição da Sexualidade da Mulher nas músicas

Por mais que todas essas mudanças fossem significativas, ainda tínhamos (temos), algo que tem o poder de entrar em todas as casas de forma “inocente” muitas vezes, prazerosa, que nos envolve, e através de suas letras consegue fortalecer a ideia do machismo, sexismo e racismo, damos o nome de música. Iremos trazer, neste tópico, algumas músicas, dos mais variados estilos, e todas com a ideia de que a mulher é objeto de prazer e gozo dos

homens. Músicas essas que foram compostas por homens, e mostram a forma como eles se apropriaram dos nossos corpos e nossos sentimentos. Da infância até a vida adulta, dos intelectuais até as músicas consideradas da cultura pop, cantadas por mulheres muitas vezes.

O que podemos relacionar com base em Souza et al (2020), que apontam as dificuldades que as mulheres enfrentam com a sua sexualidade, como a inexperiência, a falta de informação, sua sexualidade prejudicada por conta das atitudes do parceiro e razões orgânicas que influenciam. Segundo Chacham e Maia (2004), no mesmo momento em que a mulher considera necessário confirmar publicamente a sua felicidade com sua sexualidade, ainda sim se mostra conservadora com perspectivas mais contestáveis e ainda estigmatizadas. Como a sua orientação sexual, quantidade de parceiros sexuais e infidelidade. E, ainda, podendo relacionar com Silveira e Alda (2018), é preciso espaços de fala e da perda de idealizações utópicas que estão relacionadas com as relações femininas, sua imagem, funções idealizadas.

Quando uma mulher é violentada, moral, física e sexualmente, no seu psicológico, entre outros, muitas vezes as mesmas se questionam e reprimem se não deveriam ter realizado algo para não ter ocorrido, questão sobre se não estivesse usando tal roupa, se não respondesse alguma mensagem, ligação, ficasse quieta, não saísse de casa, não fosse a uma festa, um “rolê” qualquer, não fosse simpática, não tratasse com simples educação, muitos são os pensamentos e se, mas o que muitas vezes, ocasiona todas essas violências é o fato de simplesmente ser mulher, ser vistas como objetos, “um apêndice do homem”.

As músicas, dos mais variados estilos, têm performado historicamente a ideia de mulher ideal, e que tudo suporta, entra nos lares das pessoas de forma “inocente”, apenas como uma música, algo que nos distrai. Ao observarmos com atenção o entusiasmado samba, logo, identificamos o que pode ser compreendido como a reprodução de uma perspectiva da mulher do lar, dos afazeres domésticos, ainda predominante culturalmente em nossa sociedade e que insiste em se fazer valer a décadas, como algo natural. Como podemos ver no trecho a seguir, da música “*Se eu largar o freio*” gravada pelo cantor Péricles:

*Pago as contas, faço as compras, tudo bem eu sei é minha obrigação.
Mas eu tenho reclamações a fazer: A pia tá cheia de louça, o banheiro parece que é de botequim.
A roupa toda amarrotada, e você nem parece que gosta de mim.
A casa tá desarrumada, nenhuma vassoura tu passa no chão.
Meus dedos estão se colando, de tanta gordura que tem no fogão oh oh, se eu largar o freio, você não vai me ver mais.
Se eu largar o freio, vai ver do que sou capaz. Se eu largar o freio, vai dizer que sou rui (Carlos Caetano; Claudemir; Marquinho Índio, 2013).*

De modo que percebemos na canção a mulher em papel inferior, passivo ou submisso, e exclusivamente a responsável pelas atividades domésticas, presentes na rotina do casal. Não sendo o suficiente, essa mulher ainda é ameaçada em específicos versos da música, caso não cumpra com as demandas impostas pelo parceiro, como sendo sua responsabilidade e obrigação. De igual modo, quando nos debruçamos sobre o gênero sertanejo encontramos várias músicas que apresentam cunho sexista, machista e racista, destacamos, aqui, a música “Ciumento eu”, de Henrique e Diego:

Ciúme não, excesso de cuidado, repara não se eu não saio do seu lado. Tem uma câmera no canto do seu quarto, um gravador de som dentro do carro e não me leve a mal, se eu destravar seu celular com sua digital. Eu não sei dividir o doce, ninguém entende o meu descontrole, eu sou assim não é de hoje, é tudo por amor. E tá pra nascer, alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu, ciumento eu. E o que é que eu vou fazer, se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu? Ciumento eu (Danilo D'Ávila; Elcio de Carvalho; Gustavo; Junior Pepato; Larissa Ferreira, 2017).

Massulini (2019), destaca que a mulher é condicionada pela sociedade a pensar e a agir como objeto; é oprimida pelos padrões machistas que a colocam em posição de submissão ao homem; tiram-na a liberdade de ser e de querer. Ou seja, atletas, médicos, empresários e líderes mundiais, assim são encorajados socialmente os meninos, enquanto as meninas são encorajadas a serem donas de casa, esposas e mães. Observamos, então, que muitas vezes a opressão começa ainda quando o sujeito não nasceu. Ainda de acordo como autor, as desigualdades entre mulheres e homens são naturalizadas pelo ser humano desde os primórdios de sua existência.

Essa diferenciação é tão enraizada que se torna difícil percebê-la, por exemplo, em uma letra musical. É possível observar que repetidamente a mulher é representada a partir de estereótipos machista e patriarcal, assim como a existência de dois papéis sociais preexistentes nos quais homens e mulheres devem se adequar. Cabendo a mulher ser uma boa mãe, esposa e fiel dona de casa, enquanto o homem deve proteger o lar, ser o chefe de família e provedor. Encontramos tal inscrição na música gospel “Mulheres Virtuosas”, do grupo Diante do Trono, quando diz:

Mulheres virtuosas, mais do que jóias preciosas, nesta geração vamos brilhar. Eu sou mulher em quem se pode confiar, em minha casa nada faltará, e tudo que faço prosperará. Eu sou mulher batalhadora e de oração, guardando minha família na unção, os meus amados cuidados estão. Enganosa é a beleza e a formosura é tão passageira, mas a mulher que teme ao senhor será louvada (Ana Paula Valadão, 2018).

Constatamos diariamente que a mulher é uma figura presente em temáticas musicais, principalmente em canções de cantores e grupos masculinos. Certamente muito polêmica é a

forma como ela foi ou ainda é representada, uma vez que vivemos em uma sociedade machista e patriarcal, assim, o que poderia ser compreendido como algo natural e “normal” no decorrer dos anos, hoje necessita ser revisto e analisado criticamente (MASSULINI, 2019). A visão da mulher que tudo suporta pelo homem, está presente também nas letras de músicas de artistas como Kelly Key, que tem seu público, em início de carreira, composto em sua grande maioria por crianças e adolescentes. A seguir a música *Por Causa de Você*, elucida a nossa discussão:

*Por causa de você não uso mais batom rasguei meu short curto
Diminui meu tom troquei os meus amigos por alguém que só me arrasa
Por causa de você não posso mais entrar em casa.
Por causa de você
Perdi minha liberdade te entreguei minha vida só fiz tua vontade briguei com o
mundo larguei tudo eu não olhei pra trás.
E agora vem você me dizendo que não quer mais
(Gustavo Lins e Umberto Tavares, 2003).*

Se faz necessário pensar a forma como essas intérpretes, em sua grande maioria mulheres, acabam cantando músicas feitas por homens, e como isso atravessa ambos gêneros, fazendo com que esse machismo estrutural se enraíze e seja perpetuado por todos. Sandra Harding (1993), discorre que à medida que a mulher se sente atraída pelo trabalho dos homens e o procura, nosso trabalho e nossa experiência social rompem com as tradicionais distinções entre trabalho de homem e trabalho de mulher, permitindo que a maneira feminina de compreender a realidade comece a conformar as políticas públicas.

Na MPB, música popular brasileira, também verificamos várias músicas onde a temática se volta à subjugação da mulher, vejamos a parte da letra da música “Samba da Benção”, de Vinícius de Moraes:

*Senão é como amar uma mulher só linda.
E daí? Uma mulher tem que ter qualquer coisa além da beleza, qualquer coisa de
triste, qualquer coisa que chora, qualquer coisa que sente saudade.
Um molejo de amor machucado, uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher,
feita apenas para amar, para sofrer pelo seu amor e para ser só perdão...
Há sempre uma mulher à sua espera com os olhos cheios de carinho e as mãos
cheias de perdão.
(Baden Powell; Marcelo Peixoto; Vinicius de Moraes, 1967).*

A referência de que a mulher precisa ter muitas qualidades entre elas, a principal, do ponto de vista do seu autor, que é a de ser feita “*apenas para o amor, para sofrer pelo seu amor e para ser só perdão*”, reforçando a ideia do movimento romancista do século XVII do passional/desrazão ligado à feminilidade. Essa apropriação do corpo e dos sentimentos femininos, remete-se aos séculos de submissão da mulher em relação ao homem. Para

Foucault (1988), esse meio de exercer controle é uma estratégia da sociedade de controle ou risco:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações de sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não se explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, as diferentes idades e classes sociais. (FOUCAULT, 1988, p. 98).

A questão da raça e hierarquia de gênero na atualidade para as mulheres se preserva em determinado grupo social. Os processos de poder, violência e exploração que se sustentam na relação de raça, gênero e classe, constitui-se em uma estrutura de fantasia de uma democracia racial e do modelo de branqueamento. Visto que, estando em uma sociedade que “alimenta-se” de um padrão estético feminino como um ideal de modelo, para as mulheres negras, mestiças, suas relações afetivas são limitadas, que se introduz em uma atração sexual, dos padrões raciais da sociedade. Trazendo uma concepção na tomada de decisão por parte do homem, que se refere a mais erótica ou ardente sexualmente do que as outras, no seu físico e frequentemente exuberante (CARNEIRO, 2003).

No Rock and Roll, o clássico dos The Rolling Stones, na música Brown Sugar (Açúcar Mascavo) conta a história de como as mulheres negras, escravas, eram alvo de violência física e sexual, e que essa ideia onde as mulheres pretas suportam qualquer dor. Vejamos:

*Navio negreiro da Costa do Ouro com destino a plantações de algodão
Vendidos no mercado de Nova Orleans
Velho feitor sabe que está indo bem
Ouça-o chicotear as mulheres por volta da meia noite
Açúcar mascavo, como é que você tem um gosto tão bom? Uh huh [...]”* (Mick Jagger; Keith Richards, 1971)¹.

Até os dias de hoje, a hierarquia de gênero construída, no Brasil, persiste. A presença do racismo e do o sexismo tem grande influência na construção de ideologias na sociedade, traz heranças culturais que culminaram contra a mulher negra, práticas que afetam o gênero feminino como a violência doméstica, discriminação, preconceito e a construção de estereótipos sobre a cobrança e expectativas trazida à mulher negra, por vezes, a mulher negra

¹ Gold Coast slave ship bound for cotton fields
Sold in the market down in New Orleans
Scarred old slaver knows he's doing alright
Hear him whip the women just around midnight
Brown sugar, how come you taste so good? Uh huh

é vista como símbolo sexual, atrelados ao desejo direcionado ao seu corpo, segundo Ferreira (2004), o sexismo seria vestígios da cultura patriarcal, designado ao conjunto de práticas e ideias que privilegiam determinado gênero, utilizado para garantir as diferenças de gênero, sendo legitimado por atitudes de desvalorização do sexo feminino, “tanto nos casos de racismos como de sexismos, as respectivas atribuições categoriais de diferenças são utilizadas para legitimar formas de estratificação e de segregação” (KERNER, 2012, P. 49).

Os estereótipos, o racismo, o preconceito, a discriminação e a violência impactam na subjetividade e autoestima das mulheres, gerando um sofrimento psíquico, assim como nos traz Santos e Dias (2022, p. 12) “a violência traumatiza e deixa sequelas na subjetividade das mulheres negras, que não são evitadas com desculpas nem decisões jurídicas de punição”. Desse modo, o sofrimento vulnerabiliza a mulher, afeta o humor, a autoestima, os sentimentos, as ações, dentre outros componentes da subjetividade humana, “não raro, as tristezas advindas da opressão racial desenvolvem-se em depressão e outros transtornos psiquiátricos” (SANTOS; DIAS, 2022, p. 12).

A semelhança que todas essas músicas apresentam, além das letras sexistas, é que seus compositores são homens. Comprovando a forma como os homens continuam se apropriando dos nossos corpos, nossos sentimentos, nossa forma de como encarar uma relação. Importante falar, também, da variabilidade de gêneros musicais que ainda insistem em relatar essa violência sofrida por nós mulheres cotidianamente. Elas acabam por adentrar em vários lares, ambientes, chegam até as mais variadas pessoas, de diversas idades, propagando cada vez mais essas visões machistas.

O poder liga duas pontas, para o poder acontecer é preciso que haja dois indivíduos ligados, homem e mulher, por exemplo. O poder é feito para subjugar. O poder é uma relação, você precisa construir novas relações com novos sujeitos, assim criando uma nova configuração de poderes, destituindo o poder de alguns sujeitos anteriores.

Um feminismo multicultural e antirracista: rompendo com a categoria “mulher”

Compreendemos e conhecemos o feminismo como produto da revolução político-cultural da modernidade e do progresso da humanidade; movimento liderado, desenvolvido e produzido por mulheres, onde os primeiros movimentos se deram na Europa (ESPINOSA, 2016). Em uma breve explanação acerca dos três movimentos feministas da América Latina, destacamos: o feminismo decolonial, ao mesmo tempo que recupera correntes críticas anteriores, como o feminismo negro, o feminismo de cor, o feminismo

pós-colonial, mas também o feminismo materialista francês e o feminismo pós-estruturalista, avançando no questionamento a unidade das “mulheres” (ESPINOSA, 2016).

Para Carneiro (2003), é notável o protagonismo que as feministas tiveram nas lutas pela anistia, por creche, na luta pela descriminalização do aborto que penaliza as mulheres de baixa renda, entre outras ações. No entanto, em tempos, dentro do feminismo houve uma visão eurocêntrica e universalizante, trazendo a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, além do sexismo, existe outras formas de opressão que continuam no silêncio e na invisibilidade, “as denúncias sobre essa dimensão da problemática da mulher na sociedade brasileira, que é o silêncio sobre outras formas de opressão que não somente o sexismo, vêm exigindo a reelaboração do discurso e práticas políticas do feminismo” (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Contemporaneamente, o poder tem como objeto/objetivo a vida por isso seja mais interessante falar em termos de biopoder. O direito à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade e à satisfação das necessidades constitui o alvo do biopoder. Todavia, há forças que se opõem a ele reclamam seu direito sobre a vida (FOUCAULT, 1988), a essas forças podemos denominar de resistências. No livro *Microfísica do Poder*, Foucault (1993) assinala que não existe os que possuem poder, mas práticas ou relações de poder, pois o biopoder funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos que funciona como uma maquinária disseminada por toda a estrutura social. E é justamente em função desse caráter relacional que as resistências existem dentro da própria rede do poder, de maneira que, onde existe poder, há resistência.

É na perspectiva da resistência que desenvolvemos, neste tópico, a discussão da importância da constituição de um feminismo multicultural e antirracista que rompa com as relações de saber/poder que incidem sobre a constituição da sexualidade das mulheres, no contemporâneo. Fraser (2009), em “*Feminismo, capitalismo e a astúcia da história*”, diz que é preciso pensar além do feminismo feito para mulheres brancas, ela fala de um feminismo que abrange mulheres trabalhadoras, pessoas que são discriminadas racialmente, homens brancos, comunidade LGBT, e como essas pessoas podem se ver como aliados naturais, unir uma maioria social para que possamos romper com os estigmas, preconceitos e violências em torno da mulher, seu corpo e seus prazeres. É preciso, segundo a autora, que ampliemos, assim como o fazem alguns feminismos, o campo de ação da justiça para incluir assuntos anteriormente privados, como sexualidade, serviço doméstico, reprodução e violência contra mulheres.

O conceito de injustiça deve abranger não apenas as desigualdades econômicas, mas também hierarquias de status e assimetrias do poder político, econômico e cultural (FRASER,

2009). Em acréscimo, Carneiro (2009), evidencia que nas análises feministas é preciso incluir o eixo articulador do racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.

Na cultura musical a sexualidade feminina sempre ganhou visibilidade, que em sua grande maioria é ocupado por mulheres brancas, que vão levar as suas experiências, e seu ponto de vista. Mas, onde fica as experiências e lutas que as mulheres negras? Sojourner Truth, foi uma escrava nos Estados Unidos da América, que fez um discurso em uma intervenção na Women's Rights Convention, onde se discutiam os direitos da mulher, em Akron, Ohio, EUA, no ano de 1851, que podemos facilmente trazer para atualidade:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?” (Sojourner Truth, 1851).

Lorde (2019), discorre que, no Brasil, quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Mulheres negras não pertencem ao grupo de mulheres, “provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados” (LORDE, 2019, p.325).

Como uma mulher lésbica e negra, Gloria Anzaldúa, no texto “*La conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência*”, diz que, extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra.

Anzaldúa (2005), afirma não ser o suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções patriarcais, brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido. Restritos a um combate mortal, reduzindo ambos, a um denominador comum de violência:

A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir (ANZALDÚA, 2005, p.706?).

Apenas quando nos mantermos flexíveis será possível estender a psique horizontal e verticalmente. Movendo-se constantemente para além das formações cristalizadas do hábito, do pensamento convergente, do raciocínio analítico que se inclina a racionalidade em direção a um único objetivo (modo ocidental), para um pensamento diferente, por meio de um movimento que visa afastar-se de padrões e objetivos estabelecidos, em direção a uma perspectiva mais ampla, incluindo em vez de excluir (ANZALDÚA, 2005). Para isso, é preciso entender que as mulheres são diferentes e rompermos com a categoria “a mulher” criada pela sociedade machista, sexista e racista, que insiste em nos enquadrar em um único padrão heteronormativo de belo e sexual. Isso significa, ainda, abrimos mãos, em muitos casos, dos privilégios e benefícios que essa categorização proporcionou a nós mulheres brancas, como bem abre a epígrafe deste texto.

Considerações Finais

Este trabalho estudou e analisou como os dispositivos sociais, culturais, políticos, religiosos e científicos incidem no modo de vida das mulheres e na sua sexualidade, no contemporâneo, com foco nas músicas e como elas influenciam nas relações sociais e profissionais; assim como, na auto-estima das mulheres, a aceitação com o seu corpo e estética, aceitação em sua própria sexualidade e no aparecimento de adoecimento psíquico. Levemos a refletir como é idealizado o modelo de padrão que se exerce da mulher na sociedade.

Do ponto de vista científico, problematizamos o aumento do conhecimento acerca dos aspectos que se entrelaçam à constituição da sexualidade feminina. A partir de uma série de reflexões, a possibilidade em ampliar os espaços de discussão, compreendendo a necessidade de repensar e dialogar com o papel da mulher na atual sociedade. Martins e Hoffmann (2007), destacam que os papéis sociais se relacionam ao conceito de gênero discutido por Scott, J. (1991), entendendo-os tanto como símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações, muitas delas contraditórias, quanto preceitos que comumente tomam oposição binária entre masculino e feminino.

A partir deste trabalho de conclusão de curso, buscamos mostrar que houve uma naturalização de categorias culturais referente ao sexo feminino, categorias essas culturais e não naturais, onde, a mulher sofre com a desvalorização de seu próprio sexo diante da sociedade, levantando novos questionamentos que possam conduzir à possíveis estratégias e iniciativas, que visem pensar o desenvolvimento de políticas públicas sociais, como potencial benefício futuro, não só para as mulheres, mas para a sociedade como um todo, constituindo, os benefícios indiretos da presente pesquisa para as mulheres, no contemporâneo.

Profissionais psicólogos(as) devem buscar compreender os mecanismos que sustentam as práticas discriminatórias e combatê-las, de acordo com Santos e Dias (2022, p. 16) “o compromisso da Psicologia, a favor da luta antirracista e outras que buscam condições dignas para aqueles em desvantagens sociais nas relações de poder, deve estar presente desde a formação dos profissionais, nas grades curriculares”.

Apresentamos, por fim, pistas para a constituição de feminismos que convivam na/pela diferença como alternativa para a diminuição do adoecimento psíquico gerado por práticas violentas e opressoras da sociedade patriarcal e na melhora da qualidade de vida. É necessário mover-se constantemente para além das formações cristalizadas do hábito, para um pensamento diferente, por meio de um movimento que visa afastar-se de padrões e objetivos estabelecidos, em direção a uma perspectiva mais ampla, incluindo em vez de excluir.

O trabalho torna-se gratificante para nós na construção e ampliação de conhecimento, saberes e dúvidas de como os dispositivos sociais, culturais, políticos, religiosos e científicos interferem, gerem e controlam o modo de vida das mulheres, que em meio a assédios, preconceitos, cultura e estigmas, vivenciaram diferentes formas de relação ao seu corpo e à sua sexualidade, de suma importância, considerando que os dados obtidos na pesquisa amplificam o conhecimento da Psicologia diante do tema, percebemos que, ainda, é necessário discutir mais profundamente as implicações sociais, subjetivas e políticas. O processo de construção da sexualidade se dá ao longo de toda a vida, isso mostra que temos muito o que percorrer, sendo o debate o primeiro passo.

Referência

ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza: Rumo a uma nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 704-719, 2005.

AGOSTINHO, L. D. Diagrama ou dispositivo? Foucault entre Deleuze e Agamben. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, 1.30: 6-19, 2017.

BRASIL. Senado Federal. Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. **Plataforma Interativa, Senado Federal**, 2021. Disponível em: https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/paineis_dados/#/?pesquisa=violencia_domestica_familiar. Acesso em: 05 abril de 2022.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, v. 7, n. 65, p. 42-44, 2012.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n.49, 117-132, 2003.

CARASCO, D.; CORTÊZ, N. Ser Mulher no Brasil Machuca: Políticas públicas deficientes e estatísticas cruéis escancaram um país omissivo com a vida de suas mulheres. **Universa**. 2018. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/especiais/ser-mulher-no-brasil-machuca/#ser-mulher-no-brasil-e-iver-com-medo-de-ser-abusada>. Acesso em: 05 abril de 2022.

CARVALHO, M. D. C. B. D. **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez. 122p. 1995.

CASSAL, L. C. B.; GARCIA, A. M.; BICALHO, P. P. G. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **Psico**, v. 42, n. 4, 2011.

CLEMENTE, F. D. S. Novas manifestações de racismo e sexismo contra mulheres negras e contra discursos das ativistas digitais negras. **Universidade Federal de Pernambuco**. 2019.

CHACHAM, A. S.; MAIA, M. B. Corpo e sexualidade da mulher brasileira. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**, v. 1, p. 75-86, 2004.

ESPINOSA, M. Y. De por qué es necesario un feminismo descolonial: diferenciación, dominación co-constitutiva de la modernidad occidental y el fin de la política de identidad. **Solar**, v 12, n. 1, p. 141-171, 2016.

FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, 2009.

FERREIRA, M. C. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas em psicologia da SBP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004.

FIORIN, C. P.; OLIVEIRA, T. C.; DIAS, G. AC. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 1, p. 25-35, 2014.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001.

FONTENELE M. T. M. Mulheres no topo de carreira: Flexibilidade e persistência. Brasília: **Secretaria Especial de Políticas para Mulheres**. p. 91-91. 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal. p.244, 1993.

_____. História da Sexualidade I: a vontade do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: **Edições Graal**, 1988.

_____. 1926-1984 7.ed. A arqueologia do saber/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FÓRUM B. D. S. P. Violência Contra Mulheres em 2021. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Nota técnica, 2022. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-contra-mulheres-em-2021/. Acesso em: 12 de setembro de 2022.

FRANÇA, I. S. X. D.; BAPTISTA, R. S. A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 60: 202-206, 2007.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4.1: 44-45, 2002.

GRIBEL, C. O desenvolvimento da sexualidade no indivíduo. **Blogspot**, 2008. Disponível em: <https://christinegribel.blogspot.com/2008/09/o-desenvolvimento-da-sexualidade-no.html>. Acesso em: 05 abril de 2022.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos feministas**, p. 7-32, 1993.

KERNER, I. Tudo é interseccional?: Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Dossiê teoria crítica**. p. 45-58, 2012.

LORDE, Audre et al. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. **Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA**. 2019.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014.

MASSULINI, V. J. A representação da mulher em letras musicais brasileiras. **Universidade Federal da Fronteira Sul, Rio Grande do Sul**, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3422/1/MASSULINI%20J%20c3%9aNIOR.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.

MARTINS, F. E.; HOFFMANN, Z. Os Papéis de Gênero nos Livros Didáticos de Ciências. **Revista Ensaio**, v. 9, n. 1, p. 132-151, 2017.

NEVES, E. B.; DOMINGUES, C. A. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007.

PISCITELLI, A. Re-criando a (categoria) mulher. A prática feminista e o conceito de gênero. **Textos Didáticos**, 48: 7-42, 2002

PIZZANI, L. et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

RODRIGUES, A.; REIS, B. R. N. D.; QUADRADO, J. C. A Influência da Sociedade da Patriarcal na Identidade Feminina. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 10, n. 2, 2018.

SANTOS, W. S. Uma reflexão pós-crítica sobre corpo, gênero, sexualidade no ambiente educacional. **Revista Sem Aspas**, 3.1: 7, 2014.

SANTOS, V. C. D.; DIAS, A. B. Os Efeitos do Racismo na Saúde Mental das Militantes Negras do MMNDS. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022.

SILVEIRA, M. E; ALDA, L. S. Nós, mulheres: a importância da sororidade e do empoderamento feminino. SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, VIII. Anais [...] Rio Grande: **FURG**, 2018.

SOUZA, J. M. F. D. et al. Sexualidade da mulher: Dificuldades, enfrentamentos e atuação dos serviços de saúde. **New Trends in Qualitative Research**, v. 3, p. 609-622, 2020.